Laços eternos

Ricardo Daehn

FÊNIX FILMS/ DIVULGAÇÃO



Cena do longa-metragem cômico *O que é o amor?*: mutações familiares

Transformações familiares estão nas prioridades dos temas explorados pelo cineasta Fabien Gorgeart, que, no Brasil, participou ativamente do lançamento da nova comédia dele, *O que é o amor?*. Foi na terceira vinda ao Rio de Janeiro, para divulgar o longa estrelado por Laure Calamy (da série *Dez por centro*) e Vincent Macaigne (*As cores do tempo*), que Gorgeart sentiu um embrião claro da "espécie de nostalgia" encerrada pelo Brasil.

"A primeira vinda foi aos meus 20 anos, por causa de uma história de amor. A segunda, em 2017, com meu primeiro filme, *O poder de Diane* (2017)", pontua o artista, aos 50 anos. Agora, acoplado à programação do Festival de Cinema Francês do Brasil, *O que é o amor?* (a ser mostrado hoje, às 19h10, no Cinesystem CasaPark e, no dia 10 (às 20h30), no Cine Cultura, a narrativa de separação solar entre Fred e Marguerite, reafirma o artista como condutor "sem militância" de filmes sobre família. Isso depois de *A família de Simon* (2021) e *O poder de Diane,* em torno de uma mãe empenhada em ser barriga de aluguel para dois amigos dela. No novo filme, Laure Calamy (César de melhor atriz por *Minhas férias com Patrick (*2021) e de prêmio de atriz, em mostra de Veneza, em *Contratempos* (2021), esbanja sensualidade e determinação.

ENTREVISTA // FABIEN GORGEART, CINEASTA

Seu novo filme confirma que nada é para sempre, não é verdade?

Quando ouvi falar sobre os processos de nulidade matrimonial — eu nem sabia que não era possível se casar novamente na igreja. Na minha vida, entendi muito bem — a partir do momento em que meus pais se divorciaram, quando eu tinha 10 anos — que a família não é algo gravado em pedra; laços estão sempre sendo escritos e construídos. A família não para de mudar, de evoluir. E, na verdade, é algo que venho contando nos meus filmes o tempo todo, de formas bem diferentes.

Você versa sobre amor e comédia no seu novo filme?

Gosto de não ter que escolher entre os registros. Por isso, essa história de um processo judicial acaba sendo um cenário perfeito para a comédia: ao mesmo tempo em que posso me divertir com a situação — forçando antigos amigos a se reencontrarem (na trama) —, também consigo levantar questões profundas. Ou seja, dá tanto para rir quanto para refletir profundamente, encontrando, para mim, uma resposta ligada ao amor — já que, durante o filme inteiro, os personagens tentam anular o amor que sentem. Na verdade, o amor não se anula: disso tenho certeza. Ele se acumula ao longo da vida. Para mim, essa é a resposta — uma resposta, inclusive, sobre a família. A família não é uma coisa só; é como um "mil-folhas" de elementos. E uma história de amor não envolve apenas duas pessoas; trata-se de uma constelação de indivíduos ao redor delas.

Laure Calamy dá tempero especial ao filme. Como optou por ela?

Como cinéfilo, acompanho o trabalho dela há muito tempo. Eu a vi em filmes de que gosto muito e escrevi pensando nela. A personalidade dela — quem ela é, a sua energia — acabou alimentando a personagem. Ela se preocupa muito com a representação de mulheres fortes e livres.

Você é religioso? Qual a intenção de mostrar um Papa diferenciado, no filme?

O motivo principal para um Papa negro — o primeiro deles — era algo bem simples, muito pragmático: eu não queria que pensassem que eu estava falando do Papa atual. Tenho uma constante necessidade de mudar sistemas de representação. Não os confinar, mas abri-los. Tive uma infância bastante religiosa e tudo mais, mas isso acabou desaparecendo; ainda assim, sempre me interessei pela questão do sagrado nos meus filmes. É um terreno onde não consigo decidir se é algo que realmente importa para mim ou se é algo mais abstrato, talvez até ridículo.